

RISCOS DE UMA RECAÍDA

(Jornal do Brasil – 11/01/2010)

Em 2002, quando candidato à presidência da República, o presidente Lula atacou o sistema financeiro internacional de forma virulenta, ao ponto de ter obrigado o Presidente Fernando Henrique a buscar um empréstimo ponte de 30 bilhões de dólares junto ao FMI, empréstimo que foi obtido sem problemas, pois os fundamentos da economia brasileira eram sólidos e a instabilidade dos mercados financeiro, cambial e de capitais decorria de questões meramente políticas.

A acolhida ao pedido do Presidente Fernando Henrique, que gozava e goza de especial prestígio junto ao FMI, deu-se, entretanto, sob a condição de que os quatro candidatos, que então postulavam o cargo máximo da Nação, concordassem em respeitar o acordo que viesse a ser firmado, o que, efetivamente, ocorreu.

O então candidato Lula ateu-se ao compromisso e mudou diametralmente seu discurso, ao ponto de, após eleito, ter indicado o excelente Henrique Meirelles para presidir o Banco Central.

Graças a sua mudança de postura e a ter seguido, na área econômica, rigorosamente o modelo de seu antecessor, o Brasil evoluiu, aproveitou o “boom” econômico internacional, passando a ser um interlocutor respeitável no cenário global. Foi por esta razão que o presidente Lula mereceu do presidente Obama o reconhecimento expresso na frase: “Este é o cara”.

A proximidade do fim de seu mandato, porém, e a pressão de sua “entourage” em eleger uma ex-ativista de radicais movimentos de Esquerda, tem levado o presidente Lula a alguns retrocessos perigosos.

De interlocutor admirado perante os países desenvolvidos, apoiando às teses mais consistentes, não só para a saída da crise, como para a convivência entre as nações, transformou-se, no cenário latino-americano, em um acólito do histriônico e desequilibrado Presidente Chávez e num subjugado às exigências de nossos vizinhos (Argentina, Paraguai, Equador e Bolívia), com sérios prejuízos ao País e à imagem de que desfruta internacionalmente - imagem que principiou a ser construída no governo anterior e que, sabiamente, soube aperfeiçoar, nos primeiros sete anos de mandato.

O pior, todavia, é a incoerência que passou a trilhar na política externa. Recebeu um presidente ditador, que fraudou, reconhecidamente, as eleições no Irã, mas recusou-se a reconhecer eleições limpas, como foram as de Honduras. Prestigia o presidente violador da Constituição hondurenha, Zelaya, que foi deposto com base nos seus artigos 239, 242 e 272, como bem acentuou o eminente jurista Dalmo Dallari, e aceita cumprimentar ditadores africanos e a conviver, com reverencial admiração, com a mais antiga ditadura da América Latina, que é cubana.

No caso Battisti, corre, o presidente, o risco de, ao não extraditá-lo, violar Tratado Internacional com a Itália, por não acatar decisão da Corte Européia, em que nada menos de 27 países estão representados.

A censura à imprensa, que é cada vez maior nas semi-ditaduras venezuelana, boliviana, equatoriana, nicaragüense e até na Argentina, começa, por outro lado, a contaminar setores do governo que pretende ressuscitar o inaceitável Conselho Nacional de Jornalismo, com base nas conclusões de um esvaziado e dirigido congresso sobre os meios de comunicação.

Por fim, pretende polarizar a campanha entre “Esquerda e Direita”, entre “ricos e pobres”, num debate já obsoleto na história.

Corre, pois, o presidente Lula - que se houve bem, nestes sete primeiros anos - de ter sua imagem desfigurada perante as nações civilizadas, por este “avanço do retrocesso”, ao se transformar num líder vicário, secundário, submisso a tiranetes

sulamericanos , dividindo a nação em vez de uni-la, como o fez até hoje, apenas para atender a os reclamos de um grupo de "amigos do rei".
Por ser o presidente Lula um hábil político, espero que detecte a tempo os riscos da recaída . E retome o rumo que lhe deu a popularidade merecidamente ostentada .